

## O PROBLEMA DO MÉTODO EM MICHEL FOUCAULT

**Autores:** KARLA MARIA GONÇALVES SILVEIRA BARROS;

### Introdução

Nosso trabalho pretende fazer uma breve discussão, porém objetiva tanto quanto possível, em torno do problema e dos pontos mais fundamentais do método investigativo em Michel Foucault, em especial no âmbito da sua arqueologia, uma vez que as questões levantadas tanto pelos críticos do filósofo e historiador francês quanto por seus apreciadores acabam por produzir, muitas vezes, a sensação de falta de clareza e inteligibilidade daquilo que realmente está em jogo quando esse pensador se propõe, a partir da epistemologia francesa, na qual estava academicamente inserido, apontar, não apenas o que se poderia chamar de uma nova metodologia de investigação histórica, mas também novas bases, novos objetos, novas formas de lidar com as fontes para se compreender fenômenos históricos, a exemplo da loucura, que foi objeto de estudo em sua obra *A história da loucura*, sua tese de doutoramento.

Justifica-se a nossa pesquisa exatamente pelo fato de que as controvérsias que o tema naturalmente parece tender a alimentar, ter-se tornado uma espécie de inquietação particular, mas que também pode ser compartilhada por alguns de nossos pares, diante dos diferentes posicionamentos dentro da academia, que é o nosso lugar atual de reflexão, e tendo em vista que conclusões simples para uma discussão que julgamos tão complexa, para uma questão que supomos realmente maior e que abrange variados elementos e aspectos, em diferentes inter-relações, em geral de difícil apreensão e compreensão, não podem ser capazes de satisfazer as nossas mais instintivas problematizações instigadas por nossos sentimentos de incompreensão, suspeita, curiosidade e franco interesse.

Recorremos a alguns pontos de trabalhos do chamado primeiro Foucault, o Foucault arqueólogo da década de 1960, presentes em *As palavras e as coisas* e *A arqueologia do saber*, bem como à obra *Foucault, a ciência e o saber* do filósofo brasileiro Roberto Machado.

### Metodologia

Procedemos a uma revisão literária nas obras citadas em nossa introdução, tentando compreender a chamada epistemologia francesa ou história epistemológica, uma história conceitual da ciência e que tem exatamente na ciência o seu locus do conhecimento, da verdade, e que, por isso, reivindica a primazia no aperfeiçoamento da racionalidade, sinalizando para um progresso representado pela atualização continuada das verdades científicas. A seguir, nos propomos a analisar os deslocamentos feitos pela arqueologia foucaultiana em relação ao pensamento dos epistemólogos franceses enquanto método, mas também no que diz respeito ao seu objeto, atentando para o aspecto em que o saber, é pensado como um nível de conhecimento prévio, mais elementar e mais arcaico que o da ciência.

### Discussão

Para se pensar um método de investigação filosófica e histórica em Michel Foucault, representado, nesse caso, por sua arqueologia, de acordo com o filósofo Roberto Machado, é impossível realizar tal tarefa sem cotejar tal arqueologia foucaultiana com a história epistemológica francesa, quando é possível encontrar nesse filósofo e historiador francês aspectos que delimitam cada uma dessas duas possibilidades de análise da história do conhecimento. Se para a epistemologia francesa de Bachelard, Cavallès, Althusser, Koyré e Canguilhem, alguns dos quais, mestres diretos de Foucault, há um progresso na ciência orientada pela atualização constante da racionalidade científica, o que aponta para uma evolução temporal da ciência, a qual produz “a verdade” científica cada vez mais bem arrematada, para Michel Foucault, não há progresso nesse campo, não há “a verdade”, e todavia, o que se pode granjear, é, no máximo, uma história dos saberes, através da compreensão das relações conceituais que se forjam não no nível da ciência, mas no âmbito desses tais saberes, tidos como pré-teóricos, pré-científicos e pré-filosóficos.

Para Foucault, entre “os códigos fundamentais de uma cultura – aqueles que regem a sua linguagem, os esquemas perceptivos, as suas permutas, as suas técnicas, os seus valores, a hierarquia de suas práticas (...)” (FOUCAULT, 2005, p. 51) e “na outra extremidade do pensamento, as teorias científicas ou as interpretações de alguns filósofos” (FOUCAULT, 2005, p. 52) os quais se empenham por justificar uma ordem, uma sequência evolutiva, pois bem, há entre essas duas regiões, um domínio intermediário e que Foucault vai atribuir um papel fundamental “anterior às palavras, às percepções e aos gestos que são dados como capazes de traduzirem com maior ou menor exatidão (...) mais arcaica, menos duvidosa, sempre mais ‘verdadeira’ do que as teorias que tentam dar-lhes forma explícita, uma aplicação exaustiva ou um fundamento filosófico.” (FOUCAULT, 2005, p. 52). Em toda cultura, segundo Foucault, “entre o uso do que se poderia chamar os códigos ordenadores e a reflexão sobre a ordem, há a *experiência pura da ordem* e dos seus modos de ser.” (FOUCAULT, 2005, p. 52-53) que determina, como experiência da ordem, as condições históricas de possibilidade dos saberes, que é o que a arqueologia pretende analisar.

Não se pode, nesse caso, pressupor e acolher uma linearidade ininterrupta do conhecimento teórico, seja ele científico ou filosófico. O que se pode é aguçar o faro para as grandes descontinuidades que separam, o que Foucault delimita, na história ocidental, como Renascimento e época clássica e também aquelas rupturas que se deram entre esse período clássico e a Modernidade, a partir do século XIX.

A arqueologia do saber se insere ainda no contexto da transformação no tratamento do documento histórico pela história, que não mais o interpreta de fora, mas que busca por trabalhá-lo do seu interior. O historiador francês Jacques Le Goff, da terceira geral da Escola dos Annales, para quem Foucault foi “um grande historiador e um grande filósofo e que desempenhou um papel de primeiro plano na renovação da história” (LE GOFF, 1990, p. 77) colocou, de forma clara, a questão de que só a análise do documento enquanto monumento permite ao historiador utilizá-lo com lucidez e competência.

Foucault escreve, em sua obra *Arqueologia do saber*, nos seguintes termos: “Na verdade, os problemas colocados são os mesmos, provocando, entretanto, na superfície, efeitos inversos. Pode-se resumir esses problemas em uma palavra: a crítica do documento.” (FOUCAULT, 2000, p.7) Mais adiante, ele enfatiza: “(...) a história mudou sua posição acerca do documento: ela considera como sua tarefa primordial, não interpretá-lo, não determinar se diz a verdade nem qual é seu valor expressivo, mas sim trabalhá-lo no interior e elaborá-lo: ela o organiza (...) descreve relações.” (FOUCAULT, 2000, p.7). Assim, se os problemas da história passam a orbitar em torno da questão que é o questionamento do documento e se outrora a história tradicional havia se dedicado a transformar monumentos em documentos, o novo desafio que se apresenta ao historiador é transformar os documentos em monumentos. E a arqueologia do saber se situa definitivamente nessa transformação.



Machado aponta que um método arqueológico não implica em uma unidade metodológica como a encontrada nos epistemólogos. Em cada livro da sua fase arqueológica, Foucault se redefiniu metodologicamente, em parte, devido aos diferentes objetos de suas investigações. “Assim, quando falo de método arqueológico não se deve tomar essa expressão no sentido de um número determinado de procedimentos invariáveis a serem utilizados na produção de um conhecimento.” (MACHADO, 2009, p. 12), ao que acrescentaríamos: não se deve tomar essa expressão, “método arqueológico”, ao modo de um método cartesiano no que diz respeito ao rigor na execução de cada etapa previamente determinada e válida universalmente. Mas, é importante levarmos em conta que os deslocamentos arqueológicos não revelam falta de rigor ou deficiência: numa investigação de caráter arqueológico, se não podemos apresentar um método como um fluxograma a ser seguido, podemos ter nele um ponto de chegada a partir da trajetória que o objeto de investigação irá demandar.

### Considerações finais

Para os epistemólogos, a ciência é o caminho para se chegar à verdade. Eles partem da última linguagem falada por uma dada ciência em direção ao passado, a fim de descrever a evolução racional daquela ciência. Foucault, aluno de alguns desses brilhantes professores, integrou suas influências mas foi extremamente original ao recusar uma terminologia científica para investigar, por exemplo, a história da loucura, pesquisando os saberes, que são pré-conceituais, deixando de privilegiar o conhecimento teórico no desvelamento do seu objeto de pesquisa e fazendo desse objeto de pesquisa um dos determinantes para sua metodologia, que figurará, nesse caso, não como plano rígido a ser seguido, mas ponto de chegada.

### Agradecimentos

Agradecemos aos professores e colegas, por terem de alguma forma enriquecido o debate, incentivando-nos a debruçar sobre esse tema ao mesmo tempo árduo e instigante. E em especial, àqueles professores que, com seu amplo conhecimento acerca do autor que nos propusemos aqui a estudar, colaboraram para o nosso aprofundamento teórico inclusive no sentido da recusa das análises superficiais ou dogmáticas acerca do tema.

### Referências bibliográficas

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*. Lisboa: Edições 70, 2005

LE GOFF, J. *Documento/monumento* in : *História e Memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

MACHADO, R. *Foucault, a ciência e o saber*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.